



## **O VALOR DAS ONDAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PRAIA DO CAMPECHE- FLORIANÓPOLIS NA PERSPECTIVA DE SURFISTAS, MORADORES E VISITANTES**

**André Centeno Broll Carvalho**  
Universidade do Vale do Itajaí – Univali  
[andrebcarvalho@gmail.com](mailto:andrebcarvalho@gmail.com)

**Tiago Savi Mondo**  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
[tiagomondo@gmail.com](mailto:tiagomondo@gmail.com)

### **Resumo**

O crescimento desordenado e a especulação imobiliária desmedida são realidades na ilha de Santa Catarina, estes fatos prejudicam o turismo, a preservação do ecossistema e propiciam a impressão de um “inchaço” urbano. O objetivo deste estudo é identificar impactos sociais, ambientais e econômicos, advindos da atividade turística do surf na praia do Campeche, Florianópolis. O estudo se caracteriza como descritivo, de caráter quantitativo. A amostra compreendeu 54 pessoas, sendo surfistas, moradores e visitantes. O instrumento utilizado foi entrevista estruturada. Percebeu-se que o surf influencia positivamente o fluxo econômico do local e a mobilização por um pensamento sustentável.

**Palavras-chave:** Impactos do turismo. Percepção de usuários. Surf. Turismo.

### **Abstract**

The growth and speculation rampant are realities on the island of Santa Catarina, these facts affect tourism, preservation of the ecosystem and provide the impression of a "swelling" urban. The aim of this study is to identify the social, environmental and economic impacts arising from tourism in the surf on the beach of Campeche, Florianópolis. The study is characterized as descriptive and quantitative character. The sample included 54 people, including surfers, locals and visitors. The instrument used was a structured interview. It was

noticed that the surf positively influences the economic flow of the site and call for a sustainable thinking.

**Keywords:** Impacts of tourism. The perception of users. Surf. Tourism.

## Introdução

A Zona Costeira, de modo geral, é rica em recursos naturais e apresenta potencial para o desenvolvimento de atividades econômicas. O turismo, a pesca, as atividades portuárias e os esportes náuticos são exemplos de negócios geradores de renda para a comunidade local.

Devido a tais características, o ecossistema costeiro é cenário de uma série de conflitos referentes a sistemas de apropriação e gestão de recursos e discussões entre interesses particulares e públicos. Esta conjuntura requer um planejamento estratégico capaz de contemplar o desenvolvimento sustentável de uma região. Para que isto aconteça é preciso um diálogo entre a comunidade e os governantes locais. A consolidação da Cidadania Ambiental através da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que, no capítulo VI art. 225 estabelece um sistema de responsabilidades compartilhadas entre os cidadãos e o Estado na gestão dos bens ambientais, configura uma função ambiental comum. O meio ambiente preservado, como se sabe, é um direito de todos os cidadãos. Porém, também é um dever destes defendê-lo e preservá-lo.

No caso do município de Florianópolis, seu plano diretor (Lei Estadual de nº. 2193/85) afirma que

O processo do planejamento urbano embora possa ter conceitualmente definidas suas etapas de condução, não pode ser definido como um sistema modular para a resolução de problemas, pois, tratando-se de "projetar o futuro", estamos tratando de uma "situação" que, embora possamos pressupor, não podemos caracterizá-la perfeitamente. Daí a necessidade de um constante gerenciamento do processo, visto que, as propostas definidas no presente podem ser objetos de re-análise no futuro, bem como, o fluxo de informações coletadas ou o surgimento de novos problemas são incessantes. O processo do planejamento urbano tem por finalidade o bem estar da população existente, hoje e no futuro, porém a sua eficácia é avaliada pelo o que ele faz no presente.

O crescimento desordenado e a especulação imobiliária desmedida são realidades na ilha de Santa Catarina, estes fatos prejudicam o turismo, a preservação do ecossistema, a qualidade de vida da população e propiciam a impressão de um "inchaço" urbano. Diversas são as atividades econômicas realizadas em Florianópolis, entre elas o turismo e, dentro dele os esportes aquáticos como o surf.

A crença na capacidade da prática do surf e seu mercado como fator imprescindível e básico para o desenvolvimento sustentável de uma região litorânea com boas ondas, serve como pilar para esta pesquisa.

Segundo Murphy e Bernal (2008) os impactos e valores de atividades turísticas como o surf são difíceis de mensurar devido a falta de literatura disponível. O surf, frequentemente, não é incluído em pesquisas recreacionais como pescaria, trilhas e *mountain bike*, não é visto como uma atividade turística principal. Na realidade o surf, assim como outras atividades similares como o *skate* e o *windsurf*, pode ser importante para as comunidades que o hospeda.

Os esportes náuticos, entre eles o surf, o *bodyboarding*, o *kitesurf*, *windsurf*, *stand up paddle surfing*, entre outros, além dos seus praticantes serão denominados como surf e surfistas neste trabalho. Para Holanda, Neto e Lima (2008, p. 8) o surf é

[...] praticado em meio aquático, mais precisamente na praia, necessitando sempre das ondas do mar, formadas pelas ondulações que surgem através das tempestades do oceano. Sendo assim se torna completamente dependente das ações e reações da natureza, fator que influencia nas condições necessárias para sua prática, sendo que, sem ondas, não será possível praticar o surf. O surf nada mais é que o deslize do indivíduo sobre as ondas do mar e onde o praticante pode utilizar um recurso que é a prancha.

Os sentimentos gerados pela prática do esporte levam alguns surfistas a considerar o oceano como um templo, outros sentem que a praia é seu habitat natural, muitos acreditam ser uma filosofia, um estilo de vida ou apenas o melhor *hobby* ou passatempo do mundo. Fato é que pelo tempo e intensidade em que se encontram no mar e em contato com a natureza os surfistas têm seu estereótipo ligado à preservação do meio ambiente, sentindo-se, muitas vezes, agredidos com mudanças bruscas na esfera em que vivem. Zucco, Mesquita e Pilla (2002) afirmam que o surf revela um contato íntimo com a natureza. Numa altura em que a sociedade se encontra cada vez mais em ambientes artificiais, os surfistas têm alguma responsabilidade de alertar os outros para os problemas relacionados com o ambiente costeiro e oceânico.

O estado de Santa Catarina tem o surf enraizado em sua cultura, é considerado internacionalmente como um destino para a prática do esporte e Florianópolis como uma Surf City, devido aos grandes campeonatos mundiais realizados em suas praias desde a década de 80 e ao grande contingente de surfistas que aqui residem. Esta característica mostra a importância do esporte como atrativo turístico para o município e para este estudo.

A praia do Campeche, situada na região Sul da Ilha, foi escolhida para recolhimento de informações para esta pesquisa devido à qualidade de suas ondas e as modificações que os empreendimentos imobiliários e plano diretor do Governo Municipal têm causado nesta região.

O mercado do surf é sólido e segue em franca expansão, profissionais de todas as áreas de atuação são surfistas, vão para água, levam suas famílias para praia e gastam seu dinheiro em viagens para lugares exóticos em volta do mundo onde o objetivo é desfrutar as ondas. Henry (2009) cita um estudo da revista *Action Sports Retailers*, onde a estimativa de praticantes nos EUA é de 2 milhões de pessoas, 2 vezes mais que 20 anos atrás.

A dificuldade em encontrar informações científicas a respeito do mercado do esporte e seu gerenciamento é, também, uma “mola propulsora”, uma incentivadora ao desenvolvimento desta pesquisa. Assim, o objetivo do central do estudo é identificar possíveis impactos sociais, ambientes e econômicos, advindos da atividade turística do surf na praia do Campeche, em Florianópolis, Santa Catarina.

Este artigo, está dividido em outros 3 principais itens. Após esta introdução é apresentada a fundamentação teórica do estudo, seguido pela metodologia utilizada, resultados e conclusões.

## **Revisão Teórica**

### **Impactos ambientais e sócio-econômicos**

Florianópolis de um modo geral vem apresentando sinais de stress, normais para uma grande cidade, a Agenda 21 (2000) aponta como exemplos os problemas de balneabilidade em algumas praias, “a redução de áreas verdes, a ocupação de encostas, os engarrafamentos nas vias de acesso às praias e a descaracterização da cultura local”.

Cintra e Haddad (1978, p, 58) afirmam que entre as principais conseqüências do crescimento de uma cidade cabe destacar

[...] a deterioração do meio ambiente e da qualidade de vida; a marginalidade urbana gerada pelos constantes fluxos migratórios [...]; a crescente demanda de infra-estrutura, especialmente de transportes, comunicações, habilitação, saneamento básico, treinamento da força de trabalho, assistência médica e centros sociais de lazer. São cada vez mais evidentes os problemas das deseconomias de aglomeração, da queda de produtividade do trabalho e da excessiva valorização dos terrenos urbanos, o que, geralmente, acarreta uma incontrolável especulação imobiliária, cujas conseqüências recaem

principalmente sobre as pequenas e médias empresas, sobre a população de renda baixa e sobre o setor público.

De acordo com o zoneamento estabelecido pelo Plano dos Balneários (1985), 42% da área do município é considerada de preservação permanente (APP), e 21% de preservação com uso limitado (APL). O documento afirma que “com esse plano, assegurou-se, até os dias atuais, a situação privilegiada da Ilha, com relação aos aspectos ambientais, paisagísticos e culturais”.

Rodwin (1965, p. 14) acredita que um planejamento urbano é necessário “para atingir alvos de crescimento, [...], para intensificar os efeitos benéficos da urbanização e para produzir ambientes mais adequados e menos dispendiosos para o trabalho e a vida”.

Conforme citado anteriormente as melhorias estruturais recebidas pelos balneários de Florianópolis foram responsáveis por enormes desequilíbrios, afirmou Ouriques (1998, p. 63)

É a partir desta base que vai despontar um elemento decisivo para as novas configurações paisagísticas das áreas em pauta (norte da ilha): a mercantilização da terra. A predominância do valor de troca sobre o valor de uso implicou um acentuado boom imobiliário. A verticalização na orla marítima, praticamente inexistente nas praias do município, se expandiu a olhos vistos durante a década de oitenta, num movimento ainda ascendente. O autor acrescenta, ainda, que os resultados da especulação acarretam em uma urbanização precária que tende a comprometer o principal atrativo: a beleza natural.

Ao se referir às ocupações realizadas nas praias de toda a Ilha quando do início da urbanização dos balneários de maneira mais sólida, Souza (2004, p. 28) reclama que “infelizmente, essa ocupação não se deu de modo planejado e pautado em padrões de conservação ecológica, gerando problemas de saneamento, poluição, depósitos de lixo e degradação de paisagens naturais, como mangues e restinga”.

As modificações exercidas pelo crescimento demográfico de Florianópolis influenciam também na cultura e economia local, fato observado por Ouriques (1998, p. 12, *apud* Lins, 1991, p. 193), “é perceptível um movimento modificativo no modo de viver das comunidades pesqueiro-artesanais, que vão sendo substituídas, [...] pelas camadas mais privilegiadas do centro urbano florianopolitano e “externo”, no que tange à posse e propriedade da terra”.

Estas modificações introduzem novos hábitos que, por vezes, substituem antigas crenças e rituais praticados por gerações anteriores as atuais. A sociedade acaba desenvolvendo novos

costumes que se misturam com suas raízes o que pode tornar-se benéfico ou prejudicial dependendo da intensidade e qualidade destas mudanças.

### **Planejamento urbano**

Planejar é necessidade básica para a boa execução de um projeto, independente da proporção que o mesmo apresenta. Com o caos urbano das grandes cidades é necessário pensar “adiante” o que se torna um grande desafio aos gestores públicos, em vista das irregularidades internas e externas no desenvolvimento de uma metrópole.

Rodwin (1965, p, 13) escreveu que

[...] estudos e planos regionais e urbanos são necessários [...]: para atingir alvos de crescimento, para fechar a lacuna entre pontos de crescimento e regiões retardadas, para aumentar a eficiência dos investimentos de infraestrutura, para intensificar os efeitos benéficos da urbanização e para produzir ambientes mais adequados e menos dispendiosos para o trabalho e a vida.

O autor alerta que para a implementação de um planejamento urbano eficaz, ou seus projetos, são necessários “estudos detalhados de demanda, custo e possibilidades industriais”, porém a educação da população e subsídios governamentais são pontos chave para o autor já que “treinamento e educação para apoiar esses programas tem que ser intensificadas, e medidas eficientes de taxaço, ou outras fiscais poderão ser necessárias para acelerar o volume de investimentos nas regiões em questão”. Rodwin (idem, p, 91).

Cintra e Haddad (1978, p.20) citam Caiden e Widavsky e defendem a idéia de que vários projetos direcionados a um todo funcionam melhor que um plano global. Nestes projetos podemos incluir o plano diretor municipal.

### **Plano Diretor**

Entender o que é e os objetivos traçados pelo plano diretor do município de Florianópolis é essencial para a melhor compreensão da importância do surf no local. A Agenda 21 (2000, sem página) afirma que “entre os principais instrumentos do planejamento urbano está o plano diretor de uso e ocupação do solo. O plano diretor, além de direcionar e ordenar o uso do solo, potencialmente orienta e estimula os investimentos privados, e deve ser o resultado de um conjunto de leis urbanísticas e de uso do solo [...]”.

Este plano de ação vislumbra a participação popular em parceria com os órgãos administrativos municipais. Deve ser direcionado a suprir necessidades básicas da população e da cidade como um todo, sendo elas de infra-estrutura e/ou serviços e contemplar suas potencialidades.

Para Souza (2004, p. 12) “as leis devem ser revistas de acordo com a velocidade de crescimento do município e com o surgimento de novas necessidades, tendo como intervalo máximo de revisão o período de 10 anos”. Além disso, é “obrigatório para todos os municípios com mais de 20 mil habitantes e aqueles que pertencem a regiões metropolitanas e aglomerações urbanas”.

A lei nº 2193/85 do município de Florianópolis “dispõe sobre o zoneamento, o uso e a ocupação do solo nos balneários da Ilha de Santa Catarina, declarando-os área especial de interesse turístico e dá outras providências”. Além desta lei, está sendo votado atualmente o plano diretor municipal que deverá ser apresentado no início de 2010, segundo informações da prefeitura.

### **O surf em Florianópolis**

Não existem dados exatos a respeito da população de surfistas no município de Florianópolis. Entretanto, é notável como o surf caracteriza parte de sua população.

O esporte faz parte da cultura local da Ilha de Santa Catarina. Diferentes gerações pegam onda desde a década de 1960 nas praias onde as condições são propícias. A cidade é, definitivamente, uma surfcity, que abriga ano a ano competições de nível internacional, atraindo atletas e simpatizantes, além de ter uma parte de sua economia voltada para o surfbusiness com escolas de surf, surfshops (lojas especializadas), shapers (artesão responsável pela fabricação da prancha de surf), centros de treinamento especializados e muitas outras atividades geradoras de renda e emprego. Vale salientar que algumas escolas privadas do município oferecem o surf como atividade válida para a disciplina de educação física.

Estas afirmações são baseadas na observação direta e pela “Linha do tempo de eventos importantes relacionados ao surf em Santa Catarina” divulgada no site oficial da Associação Catarinense de Escolas de Surf (ACES). Nesta história são apontados diversos acontecimentos, como exemplo, citamos:

- o 1º campeonato realizado em Florianópolis, o Rock, Surf e Brotos na praia da Joaquina em 1976.

- as competições OP PRO, também na praia da Joaquina, em 1985 e 86, sendo que a 2ª edição marcou a estréia de Santa Catarina como sede de uma etapa do circuito mundial de surf.

- os títulos do World Qualifying Series (WQS) nas décadas de 1990 e anos 2000, dos irmãos Teco (2 vezes) e Neco Padaratz e de Jaqueline Silva, todos surfistas profissionais residentes em Florianópolis.

- a realização do 1º curso de Tecnologia em Gestão de Negócios do Surf, na Universidade do Vale do Itajaí, com a 1ª turma iniciando em 2007.

## **Turismo na Ilha**

A indústria do turismo iniciou um processo de expansão logo após a II Guerra Mundial, diferentes estudiosos do assunto confirmam este fato, entre eles, Trigo (1993, p.17) relatou que “[...] apenas a partir da década de 1950 é que se transformou em uma atividade de massa bastante significativa, em termos socioeconômicos e culturais. Mas foi a partir de 1960 que o turismo explodiu como possibilidade de prazer para milhões de pessoas e como fonte de lucros e investimentos, com status garantido no mundo das finanças internacionais”.

Hoje, é o mercado que mais cresce no mundo e “está entre os 3 segmentos mais importantes do comércio mundial [...] relacionada intimamente aos estímulos visuais, à comercialização da paisagem”. (Ouriques, 1998, p.10 apud Trigo, 1993, p. 65),

Florianópolis tem no turismo uma das bases de sua economia este fato é evidenciado na pela lei estadual de nº. 2193/85 onde consta que nos últimos anos, a Capital de Santa Catarina vem sendo envolvida pela sua natural condição de ponto turístico, atraindo os brasileiros e principalmente a população estrangeira do Mercosul, isso aliado ao comércio e a sua estrutura administrativa pública, municipal, estadual e federal, compõem um expressivo setor de serviços, que reuni mais de 80% das atividades econômicas.

Comparando dados de 1997 e 2009 fica evidente o aumento da demanda turística na cidade em mais de 50% no período de 12 anos. Na Agenda 21 (2000) foi publicado que “[...] população flutuante, segundo a Santa Catarina Turismo S/A, de janeiro a fevereiro de 1997, isto é, na alta temporada, Florianópolis recebeu 303.661 pessoas, chamadas turistas [...]”. Em



entrevista por telefone, colaboradores da Prefeitura Municipal, baseados em pesquisa da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR) e da Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR) realizada na Ilha durante a alta temporada (janeiro e fevereiro) de 2009, afirmaram que o fluxo turístico foi de 786.444 pessoas (652.055 brasileiros e 146.389 estrangeiros). Estes visitantes trouxeram uma receita estimada em R\$ 600 milhões ao município.

Bem como o crescimento populacional o turismo potencializa pontos positivos e negativos. Ruschmann (1997, p. 44) descreve seis características favoráveis da indústria turística que são: incremento da renda dos habitantes; elevação dos níveis cultural e profissional da população; expansão do setor da construção; industrialização básica na economia regional; modificação positiva da estrutura econômica e social; atração da mão-de-obra de outras localidades.

Os acontecimentos desfavoráveis, ainda de acordo com Ruschmann ficam por conta das modificações acentuadas nas paisagens e meio ambientes locais, na especulação imobiliária que “tira” os nativos de suas residências e na sazonalidade que não possibilita uma renda estável à comunidade receptora.

## **Turismo do surf**

O estilo de vida do surf é bastante apelativo, este fato é facilmente reconhecido em propagandas e anúncios publicitários. Este “*surflifestyle*” é que sustenta a economia do esporte através dos seus simpatizantes.

Viajar a procura das melhores condições e ondas é comum na cultura do esporte desde a sua expansão mundial no início dos anos 1900. Sua indústria e mercado vêm crescendo através das novas tecnologias na fabricação de pranchas e acessórios, de competições, na produção de filmes e documentários, na descoberta e publicação de novas ondas, no desenvolvimento de agências de turismo e lugares especializados em ofertar os surfistas buscam. Isto vai de encontro ao que Trigo (1993, p. 21) escreveu:

Por isso, quando atualmente se analisa o fenômeno turístico, não se pode fazê-lo fora de um contexto que envolve a cultura, as artes e o lazer, conjunto este inserido, por sua vez, na dinâmica e complexidade pós-industrial. A valorização que o turismo sofreu ao longo dos últimos anos faz parte de um processo social abrangente. Esse processo envolve justamente

novas formações econômicas que, com o auxílio de novas tecnologias, produziram novos estilos de vida no mundo todo.

Ouriques (1998) falou sobre o turismo do surf na Ilhas Maldivas ao destacar que uma “parcela considerável do fluxo de visitantes está ligada aos esportes náuticos (desde surfistas até mergulhadores profissionais)”.

### **Plano Diretor, desenvolvimento sustentável, turismo e o surf em Florianópolis**

A consciência e o ativismo ambiental da comunidade do surf são comentados e explorados nos meios de comunicação especializados. A declaração do surfista Butt (2007) demonstra a correlação com meio ambiente de um modo geral que é comum no mundo do esporte das ondas. Butt (2007) menciona que as ondas não foram criadas apenas para o nosso benefício, tão pouco são apêndices redundantes da natureza, servindo sem um propósito aparente no grande esquema das coisas. Ondas são uma parte muito importante e necessária ao mecanismo do planeta; os movimentos que criam, desempenham um papel vital no transporte de energia ao redor do globo desenhando a costa.

Casos como o S.O.S Gravatá (2008), em que a ONG de mesmo nome formada em sua maioria por surfistas e moradores das praias do lado leste de Florianópolis conseguiram embargar a construção de um Resort no canto Sul da Praia Mole, são comuns e demonstram a interatividade dos praticantes com causas ambientais, além de imprescindíveis para a manutenção do ecossistema cultura local e desenvolvimento sustentável, que para Ouriques (1998, p. 33, apud Relatório Brundtland) é um processo no qual “a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro” para sanar as necessidades humanas.

O exemplo da Agenda 21 (2000) que documentou os recursos naturais como [...] aqueles não passíveis de uma valoração monetária em projetos econômicos, como o ar puro, as praias de águas limpas, a beleza da paisagem, o silêncio, entre outras, não podem ser deixados de lado pela sociedade civil, principalmente pela iniciativa privada que atua no setor turístico, uma vez que deles dependem o sucesso de seus projetos socioeconômicos.

Esclarece, mais uma vez, a dificuldade em mensurar o valor de um recurso natural. E, também, demonstra a importância em estudar minuciosamente futuros investimentos em infra-estrutura e imobiliários, os impactos com o crescimento demográfico e turístico da

região na medida em que estes podem influenciar na dinâmica das ondas, das dunas e dos ventos na praia do Campeche.

## **Metodologia**

### **Natureza do Estudo**

A base metodológica desta investigação é do tipo estudo de caso, que Yin (2001) define como uma investigação empírica de um fenômeno dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. O estudo de caso possibilita, portanto, o alcance do objetivo deste estudo, qual seja o de obter um aprofundamento detalhado do caso estudado.

Investigações deste porte podem apresentar caráter descritivo, interpretativo e/ou avaliativo. Esta afirmação concorda com o que Appolinário (2006, p. 113) descreveu sobre o assunto: “[...] temos quatro grandes grupos de delineamentos – dois deles ligados intrinsecamente às pesquisas descritivas (levantamento e correlação) e os outros dois ligados às pesquisas experimentais (quase-experimento e experimentos).

Este estudo de caso apresenta característica descritiva, que Godoy (2006) afirma serem relatos detalhados de um fenômeno social e também avaliativa, que a mesma autora conceitua como julgar os dados gerados através das informações obtidas de forma cuidadosa, empírica e sistemática.

### **Amostra e Instrumento**

Dada à dificuldade de atingir uma população total precisa, aos custos que um estudo abrangente implica e ao tempo que o mesmo requer, utilizou-se uma amostragem de 54 indivíduos, compreendendo assim uma amostragem não probabilística com escolha aleatória. Os indivíduos que participaram da pesquisa estão distribuídos da seguinte maneira:

- 19 surfistas moradores;
- 14 surfistas visitantes;
- 13 não surfistas moradores e
- 8 não surfistas visitantes.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um roteiro estruturado de entrevista.

### **Procedimento de Coleta e Análise dos Dados**

Para conceituar entrevistas, Appolinário (2006, p. 134) afirma que este tipo de coleta de dados “envolve duas pessoas, podendo ser face a face ou à distância” (por telefone, e-mail ou outros meios tecnológicos). Para o acréscimo de informações pertinentes a este estudo de caso realizaram-se entrevistas por telefone com colaboradores da secretaria municipal de turismo de Florianópolis, no dia 07 de outubro de 2009 e ao vivo, com o presidente da Associação Catarinense de Escolas de Surf (ACES), dia 08 de outubro de 2009. Além disso, um questionário foi aplicado no período compreendido de 01 de setembro de 2009 a 15 de outubro do mesmo ano.

As pesquisas bibliográficas realizadas para fundamentação teórica desta pesquisa serviram para esclarecer as dúvidas decorrentes dos assuntos abordados, tendo livros e sites da internet como alicerce.

As observações, que Appolinário (2006, p.134) cita como “o contato direto com o fenômeno estudado, através dos órgãos dos sentidos” foram, e são, realizadas no dia a dia do responsável pelo estudo. Devido à suas atividades profissionais como atleta de bodyboard e instrutor da escola de surf e bodyboard Paz na Terra, seus treinos diários e residência na praia do Campeche, pode-se afirmar que a coleta de dados por este meio oferece grande quantidade de informações a este estudo.

Finalizando os métodos utilizados para captação de informações aplicamos um questionário, que Appolinário (2006, p.137-138) analisa como uma série ordenada de perguntas, respondidas por sujeitos, entregues pessoalmente ou através de meios tecnológicos, de perguntas fechadas, “oferecem opções restritas de respostas possíveis”.

Neste estudo de caso utilizou-se ambas as maneiras citadas pelo autor, a abordagem face a face e o e-mail, as questões foram respondidas entre os meses de setembro e outubro de 2009.

## **Resultados**

### **O contexto ambiental e sócio-cultural da praia do Campeche**

Hoje, são visíveis as mudanças bruscas que a praia do Campeche está sofrendo com relação ao número de construções, prédios e condomínios na sua maioria. Estas construções, apesar de gerarem emprego e giro à economia da cidade, causam impactos ambientais, sociais e econômicos aos moradores.

Uma consequência destas modificações é a especulação imobiliária, de acordo com entrevistas informais com corretores de imóveis da região, podemos afirmar que os terrenos legalizados no Campeche tiveram um aumento de mais de 50% dentro dos últimos 10 anos. A supervalorização das terras, em destaque aquelas mais próximas do mar, faz com que a população nativa venda suas propriedades e encontre na apropriação ilegal ou nas favelas da cidade sua nova morada.

A partir dos anos oitenta, Florianópolis, conseqüentemente a praia do Campeche, vem sofrendo alterações e apresentando as características do fenômeno turístico. De maneira que Ouriques (1998, p. 11) escreveu “[...] a paisagem da orla marítima, [...] tem alterada sua fisionomia, através da implementação das condições mais propícias [...]: abertura e pavimentação de vias de acesso, loteamentos, hotéis, restaurantes, etc.”.

Estudos têm sido feitos e discutidos desde 1985 na capital catarinense. No entanto a praia do Campeche apresenta as seguintes conseqüências do “inchaço” populacional: ocupação desordenada, inclusive da restinga e dunas atingindo a orla marítima, apropriações ilegais, aterramentos e construções em áreas alagadiças e encostas de morros e crescimento demográfico desenfreado. Estas informações foram apuradas pela Agenda 21 (2000) e são facilmente observadas na praia do Campeche. Conseqüentemente estas ações levam a outros problemas apontados pelo documento citado, que são: a falta de acessos à praia, servidões abertas sem critério com passagens estreitas e obstrução da drenagem natural da água da chuva, esgotos a céu aberto e descaso como saneamento básico, coleta seletiva do lixo pouco eficiente, pouca pavimentação e falta de espaços públicos de lazer, esportes e cultura (praças, teatros e similares).

Dentro deste contexto foi possível observar que existe um impasse entre a administração pública da cidade e a comunidade local. Citado em um estudo da pesquisadora Steffens (2008) esta discussão teve início em 1992, quando o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) lançou a primeira proposta de desenvolvimento do Campeche.

Conhecido como Plano de Desenvolvimento da Planície Entremares, foi elaborado a partir de 1989 e apresentado à Câmara dos Vereadores em 1995, entre suas propostas temos: a criação de um Parque Tecnológico, proteção de dunas, mangues e encostas, construção de infra-estruturas comunitárias e urbanas, implantação de equipamentos turísticos e setores hoteleiros, manutenção das características das comunidades nativas e mais (IPUF, 1995: 20).

Membros da comunidade questionam, segundo o Dossiê Campeche divulgado em 1997 pelo Movimento Campeche Qualidade de Vida, as obras previstas para o sistema viário, a altura dos prédios e suas “prováveis conseqüências sócio-ambientais – principalmente por motivos de alta densidade populacional e baixa capacidade de abastecimento de água juntamente a inexistência de tratamento de esgoto”. Sua preocupação recai sobre os “recursos hídricos, turísticos, econômicos e gastronômicos”, pois “uma vez destruídos levam todos à falência e a pobreza”.

Apesar de o surf ser citado apenas uma vez nas 120 páginas da Agenda 21 do município de Florianópolis Steffens afirma

[...] concomitante a elaboração do Plano Diretor para os Balneários, em 1985, na comunidade do Campeche, foi criada a Associação de Surf do Campeche que já se demonstrava preocupada com a preservação das dunas e restingas com a crescente ocupação urbana na região, e questões relativas a equipamentos e serviços urbanos. No ano de 1987 realiza o um primeiro seminário exigindo a redefinição do Plano Diretor, inclusive, dando ênfase à participação comunitária. Como resultado da mobilização, em 1989 foi elaborado uma Carta dos Moradores do Campeche Sobre os Projetos de Urbanização da Área.

A praia do Campeche, assim como outros balneários, é morada e destino de viagem para surfistas de diferentes classes sociais, idades e estados brasileiros devido à qualidade de suas ondas. Na praia do Campeche e região foram contabilizadas, durante este estudo, 6 *surfshops*, 2 escolas de surf cadastradas à ACES, 1 escola de *bodyboard* cadastrada à Federação Catarinense de *Bodyboard* (FECAB), inúmeros outdoors que remetem ou utilizam a imagem do esporte como vínculo a saúde, liberdade e/ou qualidade de vida, 6 locais para conserto de pranchas e aproximadamente 10 *shapers*. Baseado nas observações realizadas pode-se estimar a geração de cerca de 50 empregos diretos na baixa temporada e entre 60 e 70 trabalhadores remunerados pela indústria do esporte no verão, época conhecida como alta temporada.

Entretanto, vale destacar que os impactos econômicos gerados pelo surf na praia do Campeche são mais fáceis de analisar quando comparados aos naturais e socioculturais, pois estes possuem “certos componentes intangíveis e difíceis de mensurar e sua avaliação é altamente subjetiva” como observou Ruschmann (1997, p. 40).

Esta intangibilidade é observada, também, por Ouriques (1998, p. 79) ao afirmar que “o consumidor turista se delicia com o espetáculo das ondas batendo na praia, ou um dia de sol, mas esse “consumo” é intangível, diferentemente do realizado quando ele compra um souvenir, por exemplo.”.

Conscientes de que os impactos sociais, culturais e ambientais aumentam com um crescimento demográfico desenfreado e são maximizados pelo turismo e pela falta de um planejamento urbano baseado em estudos que visam um melhor aproveitamento do espaço e dos recursos naturais que a região do Campeche tem a oferecer os surfistas da região, através da Associação de Surf do Campeche, mostraram preocupação com seu bairro ao participarem da elaboração do Dossiê Campeche em 1997.

Porém o esporte é pouco visto e/ou considerado como um ator relevante para o desenvolvimento da cidade e da sociedade que nela vive. Conforme citado anteriormente, o surf foi mencionado apenas uma vez na Agenda 21 (2000) do município para que sigam “potencializando as atividades já existentes nos esportes aquáticos e náuticos, com ênfase ao surf, já que a cidade é referencial na modalidade com duas competições internacionais programadas anualmente”. Já nas propostas de Governo da Prefeitura de Florianópolis – Gestão 2005/08, encontrados no site oficial da administração municipal, as menções feitas são relacionadas apenas a realização de eventos para “apoiar o turismo não sazonal, diversificando a oferta de opções com ecoturismo, turismo náutico, cultural, religioso, de esportes radicais, de eventos e negócios”.

### **Caracterização dos Respondentes da Pesquisa**

Os respondentes pertencentes à amostra do estudo foram caracterizados em três fatores, tendo como base a divisão apresentada na metodologia: surfistas moradores da praia do Campeche, surfistas visitantes, moradores não surfistas e visitantes não surfistas.

Os fatores de análise para caracterização da amostra foram: faixa etária, faixa de renda e nível de formação/escolaridade. Com relação ao nível de escolaridade, dos 54 respondentes, 2 (3%) possuem ensino fundamental, 19 (35,18%) ensino médio, os que possuem graduação completa somam 18 (33,33%) e os que possuem pós-graduação 13 (24,07%).

A Tabela 1 mostra a divisão das faixas etárias dos respondentes do estudo. Percebe-se que existiu uma distribuição entre as faixas etárias dentro da divisão da amostra, tendo destaque a faixa etária de 26 à 35 anos em todas as classificações da amostra.

**Tabela 1** – Faixa etária e grupos da amostra.

Faixa Etária	Surfista Morador	Surfista Visitante	Morador não surfista	Visitante não Surfista	Total
15 à 18 anos	1	0	2	0	3
19 à 25 anos	3	6	3	0	12
26 à 35 anos	13	7	5	6	31
36 à 45 anos	1	1	2	0	4
46 à 55 anos	1	0	1	0	2
mais de 55 anos	0	0	0	2	2
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>8</b>	<b>54</b>

Fonte: dados primários/2009

Por último, apresenta-se a faixa de renda dos respondentes. Percebeu-se que os resultados também se mostraram distribuídos, contudo, mais equilibrados que a faixa etária. A Tabela 2 apresenta-os.

**Tabela 2** – Faixa de renda e grupos da amostra

Faixa de Renda	Surfista Morador	Surfista Visitante	Morador não surfista	Visitante não Surfista	TOTAL
Dependente da família	4	2	4	1	11
Até R\$ 600,00	3	1	4	0	8
Até R\$ 1500,00	6	2	2	2	12
Até R\$ 3000,00	3	1	2	2	8
Mais de R\$ 3000,00	3	8	1	3	15
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>8</b>	<b>54</b>

Fonte: dados primários/2009.

## O surf na Praia do Campeche

Com objetivo de saber a importância da onda em si e a importância do surf para a economia local, visto que sem a mesma estas pessoas escolheriam outra praia para viver/visitar gastando sua remuneração nos serviços básicos (moradia, alimentação e transporte) em outras comunidades, foi possível averiguar que 68% das pessoas residentes e



79% dos turistas têm na qualidade das ondas e/ou cultura do surf da praia do Campeche sua razão em estar/permanecer na região.

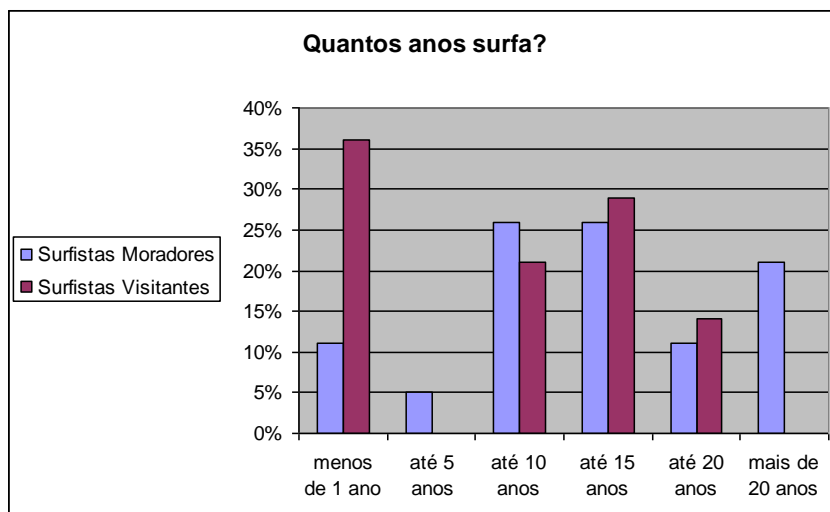
A presença de ótimas condições para a prática de esportes náuticos relacionados nesta pesquisa se mostra imprescindível para 53% dos moradores adeptos e apenas 14% aos surfistas visitantes entrevistados quando perguntados se moraria/visitaria a praia do Campeche se não houvesse boas ondas.

Portanto, não se pode afirmar que o surf é a única e mais importante característica existente na região. Os surfistas, que não priorizam as ondas como o principal motivo para viver na praia do Campeche, apontaram como fatores primordiais e positivos do local a qualidade de vida, a proximidade do centro, visitar familiares/amigos, o seu ecossistema (beleza natural) e outros motivos, entre eles a propriedade imobiliária. Para comprovar este fato a divisão de interesses dos adeptos turistas pode ser visualizada no gráfico 1.

Além disso, buscou-se verificar com os visitantes, independentemente de serem surfistas, quais os principais motivos que o levaram a escolher a praia do Campeche para visita. Os resultados demonstraram que mais de 50% dos respondentes visitam a praia do Campeche pelo seu Ecossistema e pela praia em si, seguido de visita à casa de amigos, facilidade de acesso e melhores condições para o surf.

Com relação à prática do surf, buscou-se avaliar a quantidade de anos que a pessoa pratica, quantas gerações da família e quantas pessoas que moram/visitam juntos a praia do Campeche pegam ondas, para que posteriormente possa se estimar o tempo que estas pessoas investem no mercado do surf, seja consumindo produtos diretamente ligados à indústria do mesmo ou com serviços básicos prestados nas suas comunidades, como atividades turísticas ou de serviços cotidianos locais.

O tempo de prática do esporte está demonstrado no Gráfico 1. Percebe-se que os surfistas moradores praticam o surf a mais tempo que os surfistas não moradores, levantando a possibilidade de que a praia do Campeche é um abrigo para surfistas. Verificou-se também as gerações da família que praticam o surf. Apenas 6 respondentes disseram que pai e filho praticam, ou seja, duas gerações, os outros 48 respondentes mencionaram que é a primeira geração da família. O destaque nesse ponto foi que todos os 6 surfistas que responderam que seus pais ou filhos praticavam o esporte, eram moradores da praia.



**Gráfico 1-** Tempo praticando o esporte, surfistas.  
Fonte: dados primários/2009.

Assim, encerra-se o item que propôs traçar um breve perfil da atividade esportiva do surf na praia do Campeche.

### **Caracterização do Giro Econômico da Atividade do Turismo do Surf na Praia do Campeche**

Visitantes e moradores giram a economia ao consumir produtos e serviços básicos necessários em suas tarefas diárias, entre elas a prática do surf. Buscou-se analisar os gastos médios diários dos respondentes da pesquisa com combustível e alimentação. Verificou-se que os que mais gastam com combustível são os surfistas visitantes (até R\$ 30,00 diários), os surfistas moradores e os moradores não surfistas gastam em média R\$ 10,00 diários com combustível e os visitantes não surfistas pouco gastam, mostrando que se utilizam de meios de transporte turísticos para sua locomoção.

No que diz respeito aos gastos com alimentação na praia do Campeche, boa parte dos respondentes mencionou gastar em média R\$30,00 diários, tendo destaque para os moradores (surfistas e não surfistas) que gastam menos que os visitantes (surfistas e não surfistas).

Para apontar os gastos com moradia/estadia apresenta-se um gráfico para os moradores e outro para os visitantes da região, nestes verifica-se as quantias apontadas e pode-se inferir que 72% dos surfistas de outra região não gastam nada com estadia, sendo este um reflexo do seu tempo de permanência, ou seja, nenhum pernoite. Tal fato acontece pois os surfistas visitantes estão hospedados em outros locais de Florianópolis e visitam a praia do Campeche somente para a prática do surf. Tal fato demonstra que existem possibilidades para o desenvolvimento de meios de hospedagem na praia e desenvolvimento sustentável do

turismo. Os surfistas moradores têm seus gastos distribuídos entre R\$ 450,00 mensais até R\$ 800,00 mensais, além disso, 42% deles possuem moradia própria, não tendo gastos com esse quesito.

Os moradores não surfistas seguem a tendência dos moradores surfistas, tendo uma distribuição homogênea entre R\$450,00, R\$ 800,00 e moradia própria.

Procurou-se verificar com os visitantes quanto gastam com estadia na praia. Como já foi mencionado, 72% dos surfistas visitantes e 86% dos não surfistas visitantes não gastam com estadia, corroborando a análise de que somente visitam o local e não realizam o pernoite. O restante dos respondentes gasta em média R\$50,00 diários individuais com estadia.

Buscou-se verificar com os visitantes, os locais onde se hospedam quando visitam a praia do Campeche. A casa de amigos e familiares somou 60% das respostas, seguidas por casa alugada (13%) e pousadas (7%) o restante dos respondentes, não realiza o pernoite na praia ou assinalou a opção outros.

A frequência de visitas na praia foi de menos de uma vez por mês (79%) validando a amostra de visitantes, seguidos de 14% que visitam uma vez por mês e 7% mais de dez vezes por mês, estes, todos surfistas.

O tempo de permanência das visitas também foi verificado. Por a maioria da amostra ser composta de surfistas, verificou-se que 32% dos respondentes permanecem na praia por um turno somente. Seguidos de 25% que permanecem dois dias ou mais de dois dias e 6% dos que permanecem um dia inteiro e até cinco dias.

### **Percepção dos Respondentes sobre possíveis impactos ambientais**

Para estimar o envolvimento dos moradores (surfistas e não surfistas), participantes desta pesquisa, com questões político-ambientais na praia do Campeche verificou-se sua percepção com relação aos meios de transporte e a especulação imobiliária e o conhecimento do plano diretor do bairro.

O automóvel é utilizado por 52% dos entrevistados, 10 % usam motocicletas e o restante se locomove a pé pelo bairro, o que mostra um equilíbrio entre os meios poluentes e os sustentáveis. Com relação ao conhecimento sobre o plano diretor do bairro apenas 35% dos surfistas moradores o conhecem, o restante, incluindo todos os moradores não surfistas desconhecem o conteúdo do plano diretor do bairro. Tal fato pode ser analisado pelo prisma

de que os surfistas realmente são mais preocupados com o ambiente em que vivem, corroborando com os autores trazidos anteriormente.

Por último, buscou-se com a amostra da pesquisa, sua percepção da influencia das construções imobiliárias no meio ambiente do local. Ainda, 75% de todos os entrevistados julgaram negativa a influência da especulação imobiliária e das construções na praia do Campeche.

Estas últimas questões levam a acreditar no que Ouriques (1998) acredita a respeito do modismo ambiental na sociedade moderna. O autor menciona o mesmo cumpre a importante função de manter a máquina funcionando. Fazendo com que se crie um novo produto, o qual vem sendo despejado a todo o momento através dos meios de comunicação: a questão ecológica/ambiental. Assim, percebe-se que é fato a visão sustentável dos surfistas e moradores da praia do Campeche, destacando-se o aspecto ambiental por parte dos surfistas.

### **Considerações Finais**

O desenvolvimento desta pesquisa apontou que os dados colhidos não podem ser considerados como a realidade dos moradores e turistas da praia do Campeche, devido à necessidade de dados mais abrangentes da população, ou seja, uma amostra maior de pessoas.

Vale salientar que mudar é um fenômeno natural para qualquer ser vivo e faz parte da evolução do planeta de um modo geral. As forças da natureza influenciam diretamente na paisagem e no dia a dia do ser humano. Esta pesquisa não teve a intenção de ir contra estes fatos, apenas apontar as modificações na praia do Campeche em que o ser humano é/foi o principal gerador das mesmas.

Entretanto foi possível notar que o surf participa ativamente da manutenção e do crescimento sócio-econômico da praia do Campeche e é um ator cultural característico do local. Também, dois pontos antagônicos afloraram nos estudos realizados. O primeiro deles é que Florianópolis apresenta enorme potencial turístico e alto nível de qualidade de vida, estas atribuições geram grandes oportunidades de negócios e crescimento econômico para a população do município. Entretanto trazem um crescimento desordenado, que combinado à falta de infra-estrutura adequada potencializa os problemas de uma grande metrópole, entre eles o trânsito, especulação imobiliária e a dependência demasiada na indústria turística, fatos facilmente observados na praia do Campeche e citados na Agenda 21 (2000) sobre a cidade

Seus manguezais, praias, dunas, florestas, planícies e lagoas tornaram-se um atrativo turístico que impulsiona a economia local. Contudo a algum tempo a capacidade de suporte deste ambientes frente as ações antrópicas vem sendo ignorada. As atividades que dão suporte ao turismo são de considerável impacto ambiental. A necessidade da conservação dos atributos paisagísticos muitas vezes é antagônica ao aporte turístico que se tenta impor a um ambiente de limites naturais tão conspícuos como uma ilha.

A segunda contradição é o crescimento do mercado do surf por si só, onde mais adeptos e simpatizantes refletem em maior consumo, empregos e riquezas para a indústria do esporte, porém aumentam o *crowd* (palavra proveniente do inglês que na linguagem do surf significa quantidade de pessoas dentro da água ou de um local específico), o que em determinadas ocasiões, causa desentendimentos e frustrações em alguns surfistas da praia estudada, conforme observado.

Embora os interesses particulares tenham grande influencia em decisões políticas, pois como citou Rodwin (1965, p. 92) “um dos problemas nos países em desenvolvimento é que os olhos são maiores que a barriga”, as leis e organizações municipais mostram-se abertas as atividades relacionadas ao surfe, cabendo aos praticantes do esporte, as organizações e instituições interessadas ações que defendam o crescimento do esporte e seu mercado na praia do Campeche.

Neste sentido existe a crença na potencialidade do surf como instrumento de educação e socialização, que foi evidenciada em entrevista com o presidente da Associação Catarinense de Escolas de Surf – Roger Souto –. O surf, apesar de contemplado pelas administrações públicas municipais e estaduais apenas como um bom negócio na realização de eventos, é uma ótima alternativa não só neste nicho já consolidado, mas também:

- na manutenção da cultura local através do contato com o oceano;
- nos aspectos mercadológicos com oportunidades de emprego e renda para a população em geral;
- ao mitigar a sazonalidade, em vista que as melhores épocas para a prática do esporte diferem da alta temporada;
- na educação infantil, através da prática do esporte;
- na re-socialização de menores infratores e combate às drogas e violência;

- no ensino profissionalizante, através do aprendizado de técnicas na fabricação e conserto de pranchas, na instrução a novos adeptos, no desenvolvimento de conhecimento do mercado para vendas e outras possibilidades.

É, também, necessário contemplar possíveis baixas na movimentação turística, pois segundo Trigo (1993 p.19) a atividade “Por ser uma atividade do setor terciário (prestação de serviços) e por não ser considerado artigo de primeira necessidade, sofreu – e ainda sofre – com todas as crises ao longo da história”. Em vista disso o surf mostrou, mais uma vez, sua capacidade de criar oportunidades, em particular na comunidade da praia do Campeche, através do sólido mercado/indústria estabelecido na cidade de Florianópolis como um todo.

Como sugestões para inferências administrativas cita-se a responsabilidade e o máximo de profissionalismo por parte dos gestores do esporte, além de propostas de médio e longo prazo são linhas norteadoras indispensáveis para a evolução do esporte. Como exemplo, pode-se citar a inclusão do surf na educação física das escolas municipais de comunidades praianas da cidade de Florianópolis, entre elas o Campeche, através de parcerias com as escolas de surf locais.

A paisagem e beleza natural da praia do Campeche, muitas vezes utilizadas como garota propaganda, fazem parte de seus atrativos, assim como sua proximidade do centro da capital catarinense que pode ser melhor utilizada nos meios de divulgação do bairro.

O turismo e o surf são importantes para a economia do Campeche ao gerar renda e emprego. Grande parte do comércio local é voltada para a alta temporada e o número de pousadas e hotéis no bairro embasam esta afirmação. Porém, é preciso investimentos em educação da população para a manutenção da sua cultura nativa, para o bom atendimento do turista e o melhor aproveitamento das oportunidades geradas pelo local. Isto confirma o que Trigo (1993, p. 111) menciona a respeito dos fluxos turísticos

A manutenção dos fluxos turísticos regulares por determinado território dependem, além da infra-estrutura geral e dos investimentos específicos, do relacionamento que o turista terá com a população nativa. O respeito precisa ser mantido em ambos os lados e as diferenças culturais, étnicas, econômicas ou sociais devem aprender a conviver entre si.

A construção de plataformas de madeira, como caminhos elevados sobre as dunas que evitem a abertura de novas trilhas e a depredação da restinga, a implantação de chuveiros nas saídas de praia principais do bairro, uma coleta seletiva de lixo mais abrangente e funcional,

mais quilometragem de ciclovias e estacionamentos públicos seguros são melhorias permanentes que podem minimizar impactos ambientais e melhorar a qualidade de vida local, além de atrair mais visitantes.

Além disso, sugere-se um estudo mais amplo com relação ao número de pessoas do local. Acredita-se que este estudo possa servir de base para outras pesquisas, assim como argumento para decisões a respeito das políticas públicas, plano diretor, desenvolvimento turístico e preservação ambiental da praia do Campeche.

## Referências

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática de pesquisa**, p. 113. São Paulo, Pioneira Thomson Learning. 2006.

BUTT, Tony, The importance of waves. **Save the Waves Coalition**, sem local ou data publicada. Disponível em: <[http://www.savethewaves.org/wave\\_importance](http://www.savethewaves.org/wave_importance)>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

CINTRA e HADDAD, Antônio Otávio e Paulo Roberto. **Dilemas do Planejamento Urbano e Regional no Brasil**, Rio de Janeiro, Zahar Editores: 1978.

GODOY, Arilda Schmdt. **Estudo de caso qualitativo**. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 115-146.

HENRY, Will. What is a wave worth? **Save the Waves Coalition**, sem local ou data publicada. Disponível em: <<http://www.savethewaves.org/whatIsAWaveWorth>> Acesso em 26 de agosto de 2009.

HOLANDA, Douglas Tavares; NETO, José Munhoz; LIMA, Marcelo Ferreira. **Educação é a onda certa: Surf para o desenvolvimento sociocultural. 38 p.** Projeto de pesquisa. Faculdade de Educação Física, da Universidade de Santo Amaro – UNISA. São Paulo. 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **População recenseada e estimada, segundo os municípios**. Santa Catarina, 2007. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem\\_final/tabela1\\_1\\_22.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem_final/tabela1_1_22.pdf)>. Acesso em 21 de outubro de 2009.

MURPHY e BERNAL, Melissa e Maria. **The impact of surfing on the local economy of Mundaka, Spain**. College of Oceanic and Atmosphere Sciences, Oregon State/USA e Universidad Madrid/Spain, Comissioned by Save the Waves Coalition. 2008.

OURIQUES, Helton Ricardo, **Turismo em Florianópolis: uma crítica à “indústria pós-moderna”**, Florianópolis, Editora da UFSC: 1998.

Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Planejamento. **Perfil de Florianópolis**. Disponível em

<<http://www.pmf.sc.gov.br/portal/pmf/cidade/perfildeflorianopolis/>>. Acesso em 28 de setembro de 2009.

Prefeitura Municipal de Florianópolis, Câmara dos Vereadores. **Lei número 2193/85, Florianópolis, 1985**.

Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Agenda 21 do Município de Florianópolis, 2000**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/portal/pmf/prefeitura/agenda21/agenda21.pdf>>. Acesso em 28 de setembro de 2009.

RODWIN, Lloyd, **Planejamento Urbano nos Países em Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, Agência Norte Americana para o desenvolvimento Internacional – USAID: 1967. Tradução de Ary Blaustein.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene, **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do Meio Ambiente**, Campinas/SP, Papirus: 1997.

STEFFENS, Edilaura Ana, **Plano Diretor Participativo: Possibilidade de consensos? O caso da planície Campeche em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**. In: Colóquio Internacional de Geocrítica, X, Diez años de câmbios em el mundo, em la geografia y em las ciencias sociales, 1999 – 2008. Barcelona, 2009, Universidad de Barcelona. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/197.htm>>. Acesso em 21 de outubro de 2009.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi, **Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas**, Campinas/SP, Papirus: 1993 5ª Edição de 1999.

ZUCCO, Fabricia Durieux, MESQUITA, Alexandre e PILLA, Armando. Surf – Um mercado em evolução. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXV, 2002. Salvador/BA. FURB – Universidade Regional de Blumenau.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005

**Recebido em 09.10.2009. Aprovado em 08.02.2010.**